

MOARA

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

O TRÁGICO EM GUIMARÃES ROSA:

Primeiras estórias

Sílvio Holanda¹
Universidade Federal do Pará

RESUMO

A presente comunicação é um estudo interpretativo do volume *Primeiras Estórias*, publicado em 1962 por Guimarães Rosa. Examina-se a recepção de temas trágicos pela narrativa rosiana, tais como a idéia de fatalidade e de destino. Fazem-se confrontos entre os contos de 1962 e a tradição da tragédia grega, sobretudo daquela vertente que remonta a Sófocles e a Ésquilo.

PALAVRAS-CHAVE: *Primeiras Estórias*; Guimarães Rosa; trágico.

ABSTRACT

This work is an interpretation study of the volume *Primeiras Estórias*, published in 1962, by Guimarães Rosa. It is examined the reception of the tragic themes by the rosiana narrative, as the idea of fatality and of destiny. The short stories, written in 1962, are confronted with the Greek tragedy, mainly in the acception that reminds to Sofocles and Esquilo.

KEY WORDS: *Primeiras estórias*; Guimarães Rosa; the tragic.

O triste do homem, lá, decretado, embargando-se de poder falar algumas suas palavras. Ao sofrer o assim das coisas, ele no oco sem beiras, debaixo do peso, sem queixa, exemplo. E lhe falaram: – “O mundo está dessa forma...” Todos, no arregalado respeito, tinham as vistas neblinadas.

Guimarães Rosa (*Primeiras Estórias*)

De “As margens da alegria” a “Os cimios”, a coletânea de *Primeiras estórias* (1962) oferece-nos, em 21 narrativas breves, uma súmula temática da obra de Guimarães Rosa. A impregnação mágica, o

¹ Prof. Adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Entre outros textos publicados em periódicos regionais e nacionais, publicou *A letra e a voz de Guilhade* (São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999) e *No mundo de Esopo* (Belém: UFPA, 2000).

providencialismo em oposição ao fatalismo, a violência, a loucura, a memória, a dissolução factual, são alguns temas básicos da obra, em aliança estreita à poetização da prosa. Uma opção possível de leitura — que recusamos francamente — é abandonar por completo a dimensão estética dos contos, lendo-os à guisa de parábolas². A “verdade extraordinária” captada pela narrativa torna-se o fim a que a forma serve apenas como coadjuvante. A forma narrativa adotada, pela sua concentração poética, permite-nos, passado o impacto inicial de *Grande sertão: veredas*, visualizar, de um jacto, os temas, personagens, espaços e tempos atravessados pelo poético e pelo mítico. A linguagem, embora por esforço de poetização, não radica no exemplo revolucionário, entre 1946 e 1962.

No primeiro conto, o personagem principal, um menino, cuja atitude amorosa diante do mundo móvel faz com que encontre nas coisas a origem da alegria, é um ser extraordinário para quem a vida “podia às vezes raiar numa verdade extraordinária” (Rosa, 1962, p. 3)³:

O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. [...] O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares. (PE, 5)

Fundem-se, na experiência do olhar do Menino, o novo e o belo. Este surge também por um esforço contínuo de nomeação (malva-do-campo, lentiscos, canela-de-ema, buriti, etc). Tal alegria, contudo, defaz-se, numa ruptura dolorosa, pela consciência da temporalidade fugaz e da caducidade da beleza, assinalada pela perda de um animal que ele aprendera a amar:

Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru —

² Cf. Araújo, 1998. p. 255: “*Primeiras estórias* são, elas próprias, quanto à forma, parábolas que encerram um sentido oculto. [...] Este sentido, revelado sob os contos, não é nenhum princípio ético, nem filosófico, nem teológico. É a intuição de Deus. É Deus, tornado real na vida daquele que ouve”.

³ Todas as citações de *Primeiras estórias* se referem a essa edição (a primeira) e serão indicadas pela abreviatura PE, seguida do número da página.

aquele. O peru — seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. (PE, 5-6)

Essa linha alegórica de leitura pode fundar-se no conteúdo marcadamente cristão de alguns textos de *Primeiras estórias*, como o de “A menina de lá”, cuja protagonista, Nininha, moradora do Temor-de-Deus, se singulariza pelo poder operar milagres e pelo estar alheio aos acontecimentos. A Providência — *os vivos atos se passam longe demais* (PE, 23) — decide a morte da menina que, em seu despropositado desatino, encarna a inocência da criança. Essa dimensão providencialista, inegável, não pode tornar-se uma orientação de leitura para todo os contos, uma vez que, em alguns deles, impõe-se à crítica considerar uma outra dimensão, a do fatalismo. A essa última dimensão alude um desenho de capa da primeira edição em que aparece a palavra *anankê* em caracteres gregos.

A força associada à violência está presente em “O famigerado” (8-13), “Os irmãos Dagobé” (25-30) — conflito entre Liojorge e Damastor Dagobé, morto o ‘grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre’ — e “A benfazeja”⁴. A descrição de Damázio — *um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe* — lembra-nos a de Hermógenes em *Grande sertão: veredas*: “Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento” (PE, 10). Damázio indaga: “— Vosmecê agora me faça a obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmigerado... faz-me gerado... falmisgeraldo... faz-me-geraldo... famílias-gerado...?*” (PE, 11) e ainda: “Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.” (PE, 12)⁵. Em “A benfazeja”, — cuja “sina forçosa demais apartou-a de todos” (PE, 129) — o mesmo tema associa-se também à idéia de sina, como se vê no seguinte parágrafo:

⁴ PE, 127: “Esse Mumbungo [marido de Mula-Marmela] era célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. Esse nunca perdoou, emprestava ao diabo a alma dos outros. Matava, afligia, matava. Dizem que esfaqueava rasgado, só pelo ancho de ver a vítima caretear.”

⁵ Cf. PE, 26-7: “Eis que eis: um lagalhê pacífico e honesto, chamado Liojorge, estimado de todos, fora quem enviara Damastor Dagobé, para o sem-fim dos mortos. O Dagobé, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas. Daí, quando o viu, avançara nele, com punhal e ponta; mas o quieto do rapaz, que arranjara uma garrucha, despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração. Até aí, viveu o Telles.” (“Os irmãos Dagobé”).

Se eu disser o que sei e pensam, vocês inquietos se desgostarão. Nem consentam, talvez, que eu explique, acabe. A mulher tinha de cumprir por suas mãos o necessário bem de todos, só ela mesma poderia ser a executora — da obra altíssima, que todos nem ousavam conceber, mas que, em seus escondidos corações, imploravam. Só ela mesma, a Marmela, que viera ao mundo com a sina presa de amar aquele homem, e de ser amada dele; e, juntos, enviados. Por quê? Em volta de nós, o que há, é a sombra mais fechada — coisas gerais. (PE, 128)

Num enlace patético, dor e loucura se patenteiam em “Sorôco, sua mãe, sua filha” (perdidas em canto sem razão, irmão das ‘estórias, absurdas, vagas’ de “A menina de lá”):

O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais. De antes, Sorôco agüentara de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Daí, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso (PE, 17)

Ninhinha — a menina da Serra do Mim — é descrita com ênfase em sua singularidade. “Não se importava com os acontecimentos. Tranqüila, mas viçosa em saúde. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências. Como puni-la? E bater-lhe, não ousassem; nem havia motivo.” (PE, 21):

Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” — dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: — “**Ele xurugou?**” — e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisito: — “**Tatu não vê a lua...**” — ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para um nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura a vida. (PE, 20)

A morte e o dizer mítico — “O que ela queria, que falava, súbito acontecia” (PE, 22), associam-se em “A menina de lá”, numa aproximação que ressalta a singularidade de Ninhinha, já assinalada pelo ‘esquisito do juízo ou enfeitado do sentido’. Os poderes de Ninhinha curam a mãe: “Assim, quando a Mãe adoeceu de dôres, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Ninhinha lhe falasse a cura.

Sorria apenas, segredando seu — “**Deixa... Deixa...**” — não a podiam despersuadir. Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto” (PE, 22). Aproxima-se, “na estranheza dessa verdade; do pai de “A terceira margem do rio”⁶, distinguido em sua firme decisão de permanecer no rio:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.. (PE, 33)

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só desmoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia. (PE, 36)

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. (PE, 36)

A memória, cuja importância o primeiro conto já abordara, é um dos temas de “Nenhum, nenhuma” (PE, p. 49-57):

Tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas, não estou sabendo decifrá-lo. (PE, 53)

Venho a me lembrar. Quando amadorno. De como fôra possível que tão de todo se perdesse a tradição daquela Nenha, velhíssima, antepassada, conservada contudo ali, por seu povo de parentes. Alguém antes de morrer, ainda se lembrava de que não se lembrava: ela seria apenas a mãe de uma outra, de uma outra, de uma outra, para trás. [...] Dera-se que, em tempos, quase todas as antecedentes mulheres da família, de roca e fuso, sucessivamente teriam morrido, quase de uma vez, do mal-de-semana, febre de parto; daí rompido o conhecimento,

⁶ Sobre este conto, cf., entre outros títulos, GALVÃO, Walnice Nogueira. Do lado de cá. In: *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978. p. 37-40.

os homens se mudando, andara confiada a estranhos a Nenha, velhinha, que durava, visual, além de todas as raías do viver comum e velhez, mas na perpetuidade. Então o fato se dissolve. As lembranças são outras distâncias. Eram coisas que paravam já à beira de um grande sono. (PE, 55)

A loucura é outro tema:

Reaparecendo o humano e estranho. O homem. Vejo que ele se vê, tive de notá-lo. E algo de terrível de repente se passava. Ele queria falar, mas a voz esmorecida; e embrulhou-se-lhe a fala. Estava em equilíbrio de razão: isto é, lúcido, nu, pendurado. Pior que lúcido, relucido; com a cabeça comportada. Acordava! Seu acesso, pois, tivera termo, e, da idéia delirante, via-se dessonambulizado. Desintuído, desinfluído — se não se quando — soprado. Em doente consciência, apenas, detumescera-se, recuando ao real e autônomo, a seu mau pedaço de espaço e tempo, ao sem-fim do comedido. Aquele pobre homem descoroçoava. E tinha medo e tinha horror — de tão novamente humano. Teria o susto reminescente — do que, recém, até ali, pudera fazer, com perigo e preço, em descompasso, sua inteligência em calmaria. Sendo agora para despenhar-se, de um momento para nenhum outro. Tremi, eu, comiserável. Vertia-se, caía? Tiritávamos. E era o impasse da mágica. E que ele estava em si; e pensava. Penava — de vexame e acrofobia. Lá, ínfima, louca, em mar, a multidão: infernal, ululava. [...] Desprojetava-se, coitado, e tentava agarrar-se, inapto, a. Razão Absoluta? Adivinhava isso o desvairar da multidão espantosa — enlouquecida. Contra ele, que, de algum modo, de alguma maravilhosa continuação, de repente nos frustrava. Portanto, em baixo alto bramiam. Feros, fero-zes. Ele estava são. Vesânicos, queriam linchá-lo.

Aquele homem apiedava diferentemente — de fora da província humana. (PE, “Darandina”, 148-150)

O mesmo tema com alusão a Cervantes:

O velho, para vir a ela, apressou macio o ca-valo. Receei, pasmado para tudo. O velho se safou abaixo o chapéu, fazia dessas piruetas e outras gesticulações. Me achei: — “Meu, meu, mau! Esta é aquela flor, de com que não se bater nem em mulher!” Se bem que as coisas todas foram outras. O velho, pasmosamente, do doidar se arrefecia. Não é que, àquela mulher, ofereceu tamanhas cortesias? Tanto mais quanto ele só insistindo, acabou ela afinal aceitando: que o meu Patrão se apeou, e a fez montar em seu cavalo. Cujá rédea ele veio, galante, a pé, puxando. As-sim, o nosso ajudante-de-criminoso teve de pegar com o fei-xe de lenha, e eu mesmo encarregado, com a criança a tira-colo. Se bem que nós dois montados; já se vê — nessas pe-ripécias de pato. (PE, “— Tarantão, meu patrão...”, 148-150)

A tematização do dramático em *Primeiras estórias* mostra-nos a superioridade dos poderes da invenção sobre o real (“Já, entre nós, era a ‘nossa estória’, que, às vezes, chegávamos a preferir à outra, a ‘estória de verdade’ do drama.” — PE, 41). Leia-se o comentário de Evelina Hoisel sobre o conto “Pirlimpsiquire”:

Em “Pirlimpsiquire”, *Primeiras estórias*, através da tematização da montagem de uma peça por um grupo de alunos de um colégio, aparece a idéia da representação como parte importante ao aprendizado de viver e forma de adquirir experiência. Se em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, o protagonista, representa stanislavskianamente seu papel até as últimas conseqüências e pode, posteriormente, através do distanciamento brechtiano compreender que “aprender a viver é que é viver mesmo”, em “Pirlimpsiquire” um dos personagens afirma: “Representar é aprender a viver além dos levianos sentimentos, na verdadeira dignidade” (PE, 41). “Pirlimpsiquire” pode ser lido como um arte poética através da qual se destaca o papel da invenção e da imaginação na representação teatral, conseqüentemente, no escrever e no viver. O enredo, inventado pelos alunos, que começam a improvisar no espetáculo porque falta o ator principal, é a mistura das duas estórias que circulavam entre os dois grupos de alunos, narra a estória dentro da estória, o texto dentro do texto dentro do texto, a vida dentro do teatro, o teatro da vida [...]

Entre essas observações pontuais sobre os contos precedentes, vale retomar, por sua relação com “Fatalidade” o seguinte trecho de “Sorôco, sua mãe, sua filha”:

Soroco não esperou tudo se sumir. Nem olhou. Só ficou de chapéu na mão, mais de barba quadrada, surdo — o que nele mais espantava. O triste do homem, lá, decretado, embargando-se de poder falar algumas suas palavras. Ao sofrer o assim das coisas, ele, no oco sem beiras, debaixo do peso, sem queixa, exemploso. (PE, 18)

⁷ HOISEL, Evelina. O círculo do dramático na obra de Guimarães Rosa. *Estudos*. Salvador, n. 8, dez. 1988, p. 17. Cf. PE, 46-47: “Num instante, quente, tomei vergonha; acho que os outros também. Isso não podia, assim! Contracenamos. Começávamos, todos, de uma vez, a representar a **nossa** inventada **estória** [grifos do autor]. § A princípio, um disparate — as desatinadas pataratas, nem que jogo de adivinhas. Dr. Perdigão se soprava alto, em bafo, suas réplicas e deixas, destemperadas. Delas, só a pouca parte se aproveitava. O mais eram ligeirias — e solertes seriedades. Palavras de outro ar. Eu mesmo não sabia o que dizer, dizendo, e dito — tudo tão bem — sem sair do tom. Sei, de mais tarde, me dizerem: que tudo tinha e tomava o forte, belo sentido, esse drama do agora, desconhecido, estúrdio, de todos o mais bonito, que nunca houve, ninguém escreveu, não se podendo representar outra vez.”

Em *Primeiras estórias*, além dos temas já mencionados, observa-se um esforço de dissolver os fatos por neles ver a manifestação de uma transcendência. Essa orientação conflita com grande parte da narrativa moderna, podendo ser generalizada de “O espelho” para grande parte do conjunto formado pelas outras narrativas. O belo e irônico parágrafo de abertura deste último conto, em que se diz que tudo “aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.” (PE, 71)⁸, deve ser tomado em termos absolutos pela crítica? Já reiteramos os perigos em que podem incidir as leituras hiperalegorizantes dos textos de Rosa. Não cabe, aqui, retomá-los. Contudo, ainda que “habitantes do latejante mundo” (PE, 72) que querem dotar de “rotina e lógica”, os críticos devem considerar o texto sem recurso a fontes cristãs enquanto detentoras de um sentido que seria ficcionalmente traduzido pelos contos. O cristianismo, inegável presença em Guimarães Rosa a ser estudado pela crítica, funda-se no texto literário e deve ser estudado com elementos de crítica literária⁹. Esta, ainda que por vezes descambe para o jargão francófilo ou anglófilo mal traduzido em português lastimável, não se torna prescindível diante da verdade cristã sob vestes alegóricas. No caso particular de “O espelho”, cujas relações com o mito de Narciso não pode ser feito aqui, destacamos o trecho abaixo:

⁸ Cf. PE, 136: “... a gente não consegue nem persegue os fios feixes dos fatos.” Cf., em “Darandina”, “... refaz-se no mundo o mito, dito que desataram a dar-se, para nós, urbanos, os portentosos fatos, enchendo explodidamente o dia: de chinfrim, afã e lufa-lufa.”; “Tão linda, clara, certa — de avivada carnação e airosa — uma iazinha, moça feita em cachoeira.” (PE, “Substância”, 139); “Sionésio e Maria Exita — a meios-olhos, perante o refulgir, o todo branco. Acontecia o não-facto, o não-tempo, silêncio em imaginação. Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamor. Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros.” (PE, “Substância”, 156)

⁹ ALIGHIERI, Dante. Epístola XVII [101-152]. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. das Américas, 1958. v. 10, p. 140: “O primeiro sentido — explica ao Sr. Grande Can de Scala, oferecendo-lhe o *Paraíso* — chama-se *literal* [*litteralis*], o segundo, *alegórico* [*allegoricus*] ou *místico*. Este modo de se interpretar, para maior evidência, pode ser considerado nestes dois versos: “Na saída do povo de Israel do Egito, a casa de Jacó, do povo bárbaro, a santificação operou-se na Judéia, em Israel, o seu poder.” Se considerarmos somente o sentido *literal*, teremos apenas o significado da saída dos filhos de Jacó do Egito, no tempo de Moisés; se o alegórico, significa-se a nossa redenção, por Cristo...”

Mas, com o comum correr cotidiano, a gente se aquieta, esquece-se de muito. O tempo, em longo trecho, é sempre tranqüilo. E não pode ser, não menos, que encoberta curiosidade me picasse. Um dia... Desculpe-me, não viso a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei no espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? (PE, 76)

A poética narrativa rosiana, fundada no conceito de mistério, joga com os pólos rotina x novo, real x irreal, propiciando ao leitor uma experiência estética que lhe permite uma nova percepção do mundo e das relações que se estabelecem entre este e a obra literária. A estilização semiparódica dos discursos teológico, científico, filosófico, em conto tipicamente moderno, e a interlocução dotam-no de um caráter polifônico. Assim, o cristianismo é apenas um elemento em conjunto dinâmico.

Um dos temas postos na interpretação de “Fatalidade”, nono conto de *Primeiras estórias*, estruturado em 26 parágrafos, é o da relação entre o fatalismo e a graça¹⁰. Texto concentrado em suas referências literárias, filosóficas e religiosas, “Fatalidade” não se presta a resumos empobrecedores. O leitor não deve atribuir tais referências à autoria, incorrendo num exercício hermenêutico, a buscar a verdade do texto literário. A leitura proposta do conto conjugará a análise das referências à tragédia grega à problematização do agir humano, a partir das colocações de Vernant.

No primeiro parágrafo, temos a descrição de Meu Amigo — personagem não nomeada de outra forma ao longo da narrativa. Tal procedimento remete-nos ao “meu compadre” e ao “senhor”, presentes na interlocução de Riobaldo. No amigo, saber e poesia conjugam-se numa descrição inusitada.

¹⁰ Todos os acontecimentos do mundo (e humanos) obedecem a uma necessidade absoluta. Fatal = inevitável e submetido ao destino. Cf., quanto à idéia de graça, AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Tradução por Oscar Paes Leme. São Paulo: Ed. das Américas, 1964. v. 2, p. 212 (livro XIII, capítulo 14): “Por isso, do mau emprego do livre arbítrio originou-se verdadeira série de desventuras, que de princípio viciado, como se corrompido na raiz o gênero humano, arrastaria todos, em concatenação de misérias, ao abismo da morte segunda, que não tem fim, se a graça de Deus não livrasse alguns.”

A frase final do parágrafo — “Meu Amigo sendo fatalista” — permite aproximações não apenas com o cânone trágico grego, mas também com a tradição do conto filosófico à Voltaire e à Diderot¹¹.

Uma imagem que traduz, ironicamente, uma ruptura imanente, a pesar sobre o homem: “Fatalista como uma louça”. A impossibilidade da vida humana, no plano da especulação, traduz-se por uma imagem concreta. Qual é o estatuto de Meu Amigo? “Figura fabulável”.

O conto propõe, a partir de referências textuais, uma reflexão sobre o problema do destino, a partir de diversas orientações: o pensamento grego, as filosofias da Índia (*karma*¹²) e o Cristianismo (a graça paulina). Cada uma dessas idéias enfatiza aspectos diversos do agir humano. A leitura do conto deve pressupor esse contexto filosófico, sem, no entanto, transformá-lo em mera ilustração de idéias religiosas. A imagem da necessidade relacionada a mãos de bronze é horaciana¹³. Unamuno, teórico do sentimento trágico do mundo, indaga: “O que é o Fado, que é a Fatalidade, senão a irmandade do amor e da dor; e esse terrível mistério de que, tendendo o amor à felicidade, assim que a toca morre, e morre com ele a verdadeira felicidade?”¹⁴

A dimensão grega — com ênfase nos aspectos da necessidade inexorável e da impossibilidade “de um ser humano, entre outros seres

¹¹ Cf. DIDEROT, Denis. *Jacques, o Fatalista, e seu amo*. Tradução por Magnólia Costa Santos. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. p. 15: “Como eles se encontraram? Por acaso, como todo mundo. Como se chamavam? Isso acaso interessa? De onde vinham? Do lugar mais próximo. Para onde iam? Quem sabe para vai? O que diziam? O amo, nada; Jacques dizia que seu capitão dizia que tudo o que nos aconteceu de bom e de mau aqui embaixo estava escrito lá em cima.”

¹² Cativo da ação e reação nascimento após nascimento. Carma < sânscrito *karmam*. Nas Filosofias da Índia, o conjunto das ações dos homens e suas conseqüências. Liga-se o carma às diversas teorias de transmigração, e por meio dele se definem as noções de destino, e do encadeamento necessário, por força desses dois fatores, entre os diversos momentos da vida dos homens. PRABHUPÍDA. *Bhagavad-G'itE como ele é*. 2. ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995. p. 835: karma — “atividades materiais, mediante as quais a pessoa incorre em subseqüentes reações.”

¹³ Horacio. *Odas y épodos*. Trad. Bonifacio Chamorro. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1951. p. 83 e 85, vv. 17-20 [Livro I, nº XXXV]: “Te semper anteit saeva Necessitas / clauos trabalis et cuneos manu / gestans aena [grifo meu] nec seuerus / uncus abest liquidumque plumbum;” [Precede-te a inexorável necessidade, levando na mão de bronze os pregos que travam e as cunhas; e não estão ausentes o gancho duro e o chumbo derretido].

humanos” — do *fatum* aproxima-nos de alguns aspectos da tragédia esquiliana (“A ruína é punição inexorável / da pretensão sem termo e sem medida / e das extravagâncias da opulência”¹⁵ e “[...] a fortuna dos homens / em sua marcha cega, inexorável, / choca-se um dia contra oculta rocha;”¹⁶

As referências apontadas acima não nos permitem, propriamente, falar em uma cristianização do pensamento grego. No discurso do Amigo, em rica tensão, tais referências se cruzam de modo não excludente. Algumas leituras críticas privilegiam, às vezes em um sentido biográfico, a religiosidade, tema de presença incontornável, contudo analisado por meio de instrumentos analíticos não sancionados nos Estudos Literários. A religiosidade — *quod erat demonstrandum* — assim, é aprioristicamente subsumida do sentido autoral, colhido por meio de declarações diversas de Guimarães Rosa. Vale aqui distinguir entre crítica da religião — espaço e valor que nos cabe no âmbito universitário — e crítica religiosa, incapaz de, hermeneuticamente, afastar sujeito e objeto da interpretação. A vivência do mito e a análise do mito, em nome de certos procedimentos cabíveis nas Ciências Humanas, devem ser momentos distintos.

A vertente grega, iniciada na narrativa, postula uma problematização do conceito *destino*, tema de filósofos, mitógrafos e teóricos da literatura. Retomemos, entre outros trabalhos, o estudo clássico de Jaeger sobre o drama de Ésquilo, capítulo de *Paideia* (1936). Relacionando a tragédia a uma nova forma de homem, Jaeger enfatiza como problema esquiliano fundamental o Destino, em uma tensão entre a fé e “a emoção resultante da crueldade demoníaca.”¹⁷:

Na data e hora, estava-se em seu fundo de quintal, exercitando ao alvo, com carabinas e revólveres, revezadamente. Meu Amigo, a bom seguro que, no mundo, ninguém, jamais atirou quanto ele tão bem — no agudo da pontaria e rapidez em sacar arma; gastava nisso, por dias, caixas de

¹⁴ UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 197-8. A Providência é pessoal e consciente, ao passo que o Fado é impessoal.

¹⁵ ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Tradução por Mário da G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

¹⁶ ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 53.

¹⁷ JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 305.

balas. Estava justamente especulando: — “Só quem entendia de tudo eram gregos. A vida tem poucas possibilidades.” Fatalista como uma louça, o Meu Amigo. Sucedeu nesses comenos que o vieram chamar, que o homenzinho o procurava.

Como em “Duelo” (*Sagarana*), há uma aproximação entre Ésquilo e Guimarães Rosa, em virtude do tratamento dado ao tema da justiça, do caos¹⁸, da violência¹⁹ e do destino, considerando-se este último como o problema do drama esquiliano²⁰.

O terceiro parágrafo da narrativa, ao lado da descrição de Zé Centeralfe — “O qual, vendo-se que caipira, ar e traje. Dava-se de entre vinte-e-muitos; devia de ter bem menos, portanto. Miúdo, moído. Mas concreto como uma anta, e carregado o rosto, gravado, tão submetido, o coitado; as mãos calosas, de espadachim” — traz uma referência nova (*karma*). Por que o Amigo “não se fornecia somente figura fabulável, entenda-se”? Aproximar o Amigo de outros personagens de *Primeiras histórias* e de *Jacques, o fatalista*. O recurso à parábola²¹ pelo narrador pode orientar para uma leitura voltada para a lição ética depreensível do discurso narrativo.

O 4º parágrafo faz, numa referência bíblica, menção da idéia de graça²². Tal conceito (dom gratuito) deve ser diferenciado do de fado, “o destino, no significado 1º do termo, como necessidade desconhecida,

¹⁸ MOREAU, Alain Maurice. *Eschyle: la violence et le chaos*. Paris: Les Belles Lettres, 1985. p. 102: “Le Chaos dans l’esprit humain s’appelle folie. Tout grand crime est associé dans l’œuvre d’Eschyle à la folie.[...] tout coupable, tout criminel, est un être dont l’esprit s’abandonne à l’irrationnel et au désordre.”; p. 244: “La peinture de la violence et du Chaos est la façon dont le poète pose la question de la justice.”

¹⁹ ROMILLY, J. de. *La Tragédie Grecque*. Paris: P.U.F., 1970. p. 54: “C’est un monde qui aspire à l’ordre mais se meut dans le mystère et dans la peur. § C’est un monde où règne la violence. On tue et on est tué. Des bêtes s’entre-dévorent. On est poursuivi, tatonné. On crie de peur.”

²⁰ JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 301.

²¹ Cf. HEGEL, G. W. F. *Curso de Estética: o Belo na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 436: “Ao mesmo tempo, porém, a parábola difere da fábula porquanto procura os casos que se propõe utilizar não na natureza ou no mundo animal, mas nas ações e empreendimentos humanos que todos os dias se efetuam e se conhecem; e, uma vez escolhido, um caso isolado que, pela sua singularidade, parece à primeira vista insignificante, confere-lhe um interesse mais geral atribuindo-lhe um significado mais elevado”.

por isso cega, que domina os seres do mundo enquanto partes da ordem total”²³. e do de destino: “a ação necessitante que a ordem do mundo exerce sobre cada ser singular do próprio mundo”²⁴. Discutindo o dogma da predestinação, Schopenhauer admite que não é só o acontecimento que está pré-determinado, é o acontecimento como consequência das causas antecedentes:

Na fé cristã, encontramos igualmente o dogma da predestinação: a graça ou a reprovação fixam cada destino (*Epístola de São Paulo aos Romanos*, IX, 11-24). Evidentemente os autores deste dogma conheciam a invariabilidade do homem; sabiam que a sua vida, a sua conduta, o seu carácter empírico, enfim, eram apenas o desdobramento do seu carácter inteligível, o desenvolvimento de certas tendências determinadas, já visíveis na criança, imutáveis, aliás, de modo que, desde o nascimento, a conduta de cada um está fixada e permanece, no essencial, idêntica a si mesma até ao fim. Concordo com tudo isto. Mas quando se quer associar estas ideias, muito justas em si, com os dogmas tirados ao *Credo* dos Judeus, dogmas que criam as maiores dificuldades, verdadeiro nó górdio, centro de todas as disputas que se levantaram na Igreja, sobrevêm então consequências que não vou tomar a meu cargo explicar: a tentativa do próprio apóstolo Paulo, com a comparação do oleiro, não foi bem sucedida, pois, a que conduz ela afinal?²⁵

Sobre *karma* (A ação que desencadeia o desenvolvimento dos corpos materiais das entidades vivas chama-se *karma*, ou atividades fruitivas), conceito a que o conto se refere, leia-se:

Os textos védicos chamam o ser vivo de *j’vĕtmĕ* e Brahman, mas nunca de Parabrahman. Este ser vivo (*j’vĕtmĕ*) aceita diferentes posições — às vezes, mergulha na obscura natureza material e identifica-

²² BÍBLIA. Epístola aos Romanos. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução por Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1985. p. 1004. “13 [...] mas ofereci-vos a Deus, como ressuscitados dos mortos: e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. 14 Porque o pecado vos não dominará: pois já não estais debaixo da lei [*sub lege*], mas debaixo da graça [*gratia*].” A Epístola foi escrita de Corinto (57 d. C.) e tem por tema a relação entre o judaísmo e a idéia de que a absolvição se dá antes pela fé do que pela lei.

²³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada por Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p. 405. Cf. Leibniz, *Théod.*, I, § 55.

²⁴ *Ibidem*, p. 464.

²⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Lisboa: Rés, s. d. § 55, p. 387. Cf. *ibidem*, § 55, p. 398.

se com a matéria, e às vezes identifica-se com a natureza superior, espiritual. Por isso, ele se chama a energia marginal do Senhor Supremo. Segundo sua identificação com a natureza material ou espiritual, ele recebe um corpo material ou espiritual. Na natureza material, ele pode aceitar um corpo em qualquer uma das 8.400.000 espécies de vida, mas na natureza espiritual ele tem somente um corpo. Na natureza material, conforme seu *karma*, ele às vezes manifesta-se como homem, semideus, animal, fera, ave, etc. Para alcançar os planetas celestiais materiais e gozar as condições próprias por eles oferecidas, ele às vezes executa sacrifícios (*yaj-a*), mas expirado o prazo, volta à Terra sob a forma de ser humano. Este processo chama-se *karma*²⁶.

Considerando que o homem é, assim, num grande número de casos, o artífice dos seus próprios infortúnios, afirma Kardec: “Humanos, é nisto que tendes necessidade de vos elevar acima do terra-a-terra da vida, para compreenderdes que o bem, freqüentemente, está onde credes ver o mal, a sábia providência aí onde credes ver a cega fatalidade do destino”²⁷.

Em síntese, procurando definir a relação fatalismo vs. graça, o conto “Fatalidade” promove o encontro de tradições culturais muitas vezes opostas, afastadas no tempo e no espaço (tragédia grega, karma hindu, kardecismo), porém aproximadas por uma poiesis fundada no conceito de destino.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada por Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 976p.
- AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Tradução por Oscar Paes Leme. São Paulo: Ed. das Américas, 1964. 2v.
- ALIGHIERI, Dante. *Obras Completas*; texto original italiano e a tradução em prosa portuguesa. Tradução do Padre Vicente Pedroso. São Paulo, Ed. das Américas, 1958. v. 10, 341p.
- ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998. 260p.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução por Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1985.

²⁶ PRABHUPÍDA. *Bhagavad-G'itā como ele é*. 2. ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995. p. 400.

²⁷ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 201. ed. Tradução por Salvador Gentile. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1996. Cap. V, § 21, p. 85.

- DIDEROT, Denis. *Jacques, o Fatalista, e seu amo*. Tradução por Magnólia Costa Santos. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 316p.
- ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Tradução por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978. 128p.
- HEGEL, G. W. F. *Curso de Estética: o Belo na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 666p.
- HOISEL, Evelina. O círculo do dramático na obra de Guimarães Rosa. *Estudos*. Salvador, n. 8, p. 11-28, dez. 1988,
- HORACIO. *Odas y éposos*. Trad. Bonifacio Chamorro. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1951.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução por Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413p.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 201. ed. Tradução por Salvador Gentile. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1996. 320p.
- MOREAU, Alain Maurice. *Eschyle: la violence et le chaos*. Paris: Les Belles Lettres, 1985. 407p.
- PRABHUPÍDA. *Bhagavad-G'itā como ele é*. 2. ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995. 470p.
- ROMILLY, Jacqueline de. *La Tragédie Grecque*. Paris: P.U.F., 1970. 192p.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. 176p.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Lisboa: Rés, s. d. 548p.
- UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 321p.